

ACM não descarta aliança com Maluf

SÃO PAULO - O presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), afirmou ontem em São Paulo que a direção regional do partido tem autonomia para definir seu destino. Os pefelistas de São Paulo estão divididos entre ter candidatura própria, apoiar o PSDB ou o ex-prefeito Paulo Maluf (PPB), por enquanto o único candidato definido à sucessão estadual. ACM disse que a Executiva Nacional aceitará o que decidir o diretório. "Não tenho nada a opor ao ex-prefeito", assegurou. Em seguida emendou: "Ele podia ter sido do meu partido".

ACM esteve em São Paulo a convite da Associação Comercial, que iniciou no ano passado uma série de palestras e debates para pedir ao Congresso a aprovação das reformas. Em seu discurso ACM elogiou o período do governo militar, criticou a Constituição de 88, chamada de "Constituição Cidadã", cobrou agilidade da Câmara Federal na votação dos projetos, disse que as tomadas pelo Governo na crise das bolsas foram acertadas, e que os juros devem cair a patamares aceitáveis até junho.

ACM, além de insistir na autonomia do PFL de São Paulo - já que a di-

reção nacional do partido isentou o diretório paulista da punição que será aplicada àqueles que não seguirem a coligação majoritária com o PSDB -, reafirmou que o senador Romeu Tuma (PFL-SP) é "um bom nome" para a disputa estadual. "Continuo achando o senador Romeu Tuma um bom candidato e, sobretudo, é um bom senador", afirmou. "Eu não ia fazer essa injustiça ao Romeu Tuma aqui em São Paulo porque ele tem sido um senador eficiente e trabalhador.

Indefinição - ACM, porém, negou que já exista definição sobre apoiar Maluf. "Não tive reunião com o ex-prefeito e sobre apoio não tem nada certo", disse. "Tem de ver a tendência do diretório local". ACM explicou que, na disputa paulista, não tem preferências: "Prefiro o que meu partido deliberar e meu partido vai deliberar certo".

Para encerrar o discurso, ACM falou da necessidade de votação das reformas administrativas e previdenciária com mais urgência, seguidas pelas reformas tributária e política, que podem ficar para depois das eleições de 98. Sobre o regime militar, que durou por mais de 20 anos no Brasil, e do qual ACM foi um dos expoentes, o se-

nador disse que "ele teve muitos pontos positivos, o que faltou foi a prática dos militares no trato político, e isso levou a erros", continuou.

Silêncio - ACM foi presidente da Eletrobrás, de 1975 a 1978, membro do conselho diretor de Itaipu, de 76 a 78; e ministro das Comunicações, de 85 a 90. Exerceu três mandatos de governador da Bahia (71-75, 79-83 e 91-95). Foi prefeito de Salvador de 67-70; deputado federal em três legislações (58, 62 e 66), e deputado estadual em 54.

Maluf, que desembarcou na cidade segunda-feira, telefonou de Paris para a associação, confirmou a palestra de ACM e informou que ele também, como ex-presidente da entidade, participaria do encontro. Maluf e o prefeito Celso Pitta (PPB) chegaram juntos e foram convidados pelo presidente da associação, Elvio Aliprandi, a ocupar assentos à mesa, mas em lado oposto ao de ACM. No fim da palestra, Maluf não quis dar declarações. Apenas repetiu, várias vezes, que foi à associação para cumprimentar o presidente do Senado. Pitta deixou o auditório onde foi realizado o encontro antes de ACM.

21 JAN 1998

JORNAL DE BRASÍLIA